



# A MEMÓRIA DO FEMININO NO CANDOMBLÉ:

*tecelagem e padronização do  
tecido social do povo de terreiro*

Edição comemorativa dos 100 anos de Itabuna



## Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS  
MARIA LUIZA NORA

Conselho Editorial:

Maria Luiza Nora – Presidente

Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Dorival de Freitas

Fernando Rios do Nascimento

Jaênes Miranda Alves

Jorge Octavio Alves Moreno

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Maria Laura Oliveira Gomes

Marcelo Schramm Mielke

Marileide Santos Oliveira

Paulo César Pontes Fraga

Raimunda Alves Moreira de Assis

Ricardo Matos Santana



RUY DO CARMO PÓVOAS

# A MEMÓRIA DO FEMININO NO CANDOMBLÉ:

*tecelagem e padronização do  
tecido social do povo de terreiro*



Edição comemorativa dos 100 anos de Itabuna

Ilhéus - Bahia



2010



©2010 by RUY DO CARMO PÓVOAS

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-900 Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126  
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO E CAPA  
Alencar Júnior

REVISÃO  
Maria Luiza Nora

FOTO DA CAPA  
Ruy do Carmo Póvoas



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P894

Póvoas, Ruy do Carmo.

A memória do feminino no candomblé: tecelagem e padronização do tecido social do povo de terreiro / Ruy do Carmo Póvoas. – Ilhéus : Editus, 2010.

216p. : il.

Bibliografia : p. 213-216.

Edição comemorativa dos 100 anos de Itabuna.

ISBN: 978-85-7455-208-8

1. Feminilidade – Aspectos religiosos – Candomblé. 2. Candomblé – Brasil. 3. Mulheres e religião. I. Título.

CDD – 299.6

Ficha catalográfica: Silvana Reis Cerqueira - CRB5/1122



## KÀWÉ

O Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais - KÀWÉ é um espaço que existe desde 1996, com o objetivo de construir conhecimentos sobre a problemática do negro na área de influência da UESC e aproximar a Universidade das comunidades afro-descendentes, para romper a dicotomia avassaladora entre diferentes segmentos socioculturais.

Para isso, o Núcleo desenvolve suas atividades através de várias ações que se materializam na criação de pesquisas, eventos, cursos, oficinas, seminários, aulas abertas, palestras, encontros, exposições, que permitem abordar as questões almejadas.

As atividades do KÀWÉ geram um conhecimento que possibilita produtos diversos e diversificados, a exemplo de acervo fotográfico, cedês, artigos, vídeos, material de consulta, registro e cadastramento de comunidades afro-brasileiras, além de publicação de livros e da **Revista Kàwé**.

# KÀWÉ

Coordenação:  
Ruy do Carmo Póvoas

Pesquisadores:  
Elis Cristina Fiamengue  
Jeanes Larchert  
José Luiz de França Filho  
Maria Consuelo de Oliveira Santos  
Marialda Jovita Silveira  
Ruy do Carmo Póvoas  
Valéria Amim

Projeto de Pesquisa:  
As relações sociais e políticas  
do negro no Sul da Bahia

Linha de Pesquisa:  
Religião, saúde e práticas sociais

Universidade Estadual de  
Santa Cruz - UESC  
Núcleo de Estudos Afro-Baianos  
Regionais - KÀWÉ  
3.º andar da Torre Administrativa  
Rodovia Ilhéus - Itabuna, km 16  
Salobrinho, Ilhéus, Bahia - 45662-900  
Fone: (73) 3680-5157  
[www.uesc.br/nucleos/kawe/index.php](http://www.uesc.br/nucleos/kawe/index.php)  
kawe@uesc.br





Para  
Maria Elvira Santos, Vó Janilê,  
Ekédi do Ilê Axé Ijexá.

Em memória:  
Maria Augusta Gomes de Oliveira,  
Mãe Tarabi,  
Iakekerê do Ilê Axé Iansã Dewi.





Não é certo, então, que para lembrar-se, seja necessário se transportar em pensamento para fora do espaço, pois pelo contrário, é somente a imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, dá-nos a ilusão de não mudar através do tempo e de encontrar o passado no presente; mas é assim que podemos definir a memória; e o espaço só é suficientemente estável para poder durar sem envelhecer, nem perder nenhuma de suas partes.

*Maurice Halbwachs*



*Símbolo universal do Feminino*



*A Terra vista por um telescópio espacial,  
mostrando a África à noite*





## VITRINE

Conheço o Professor Ruy Póvoas há mais de 30 anos. Tudo começou na Faculdade de Filosofia. Ele, estudante na área de Letras, e eu, na de Filosofia. Nossos caminhos se cruzaram em diversas esquinas. A primeira, na luta pela consolidação da Faculdade de Filosofia, na década de sessenta, no bojo do processo de interiorização do ensino superior brasileiro. Participamos de caravanias a todas as cidades da região do cacau, a fim de obter livros para a biblioteca e apoio, para garantir a sobrevivência financeira da Instituição. Desde aquela época, o Professor Ruy já era um ferrenho defensor da democratização do ensino superior no Brasil, para oportunizar a todos o acesso à cultura historicamente constituída. A exclusão nunca foi a sua bandeira! Aliás, o livro que publica neste momento é mais uma iniciativa para desmistificar o preconceito e uma forma objetiva de atuar no meio acadêmico contra toda forma de exclusão das origens culturais do povo brasileiro. Para corroborar tal pretensão, no texto o autor afirma:

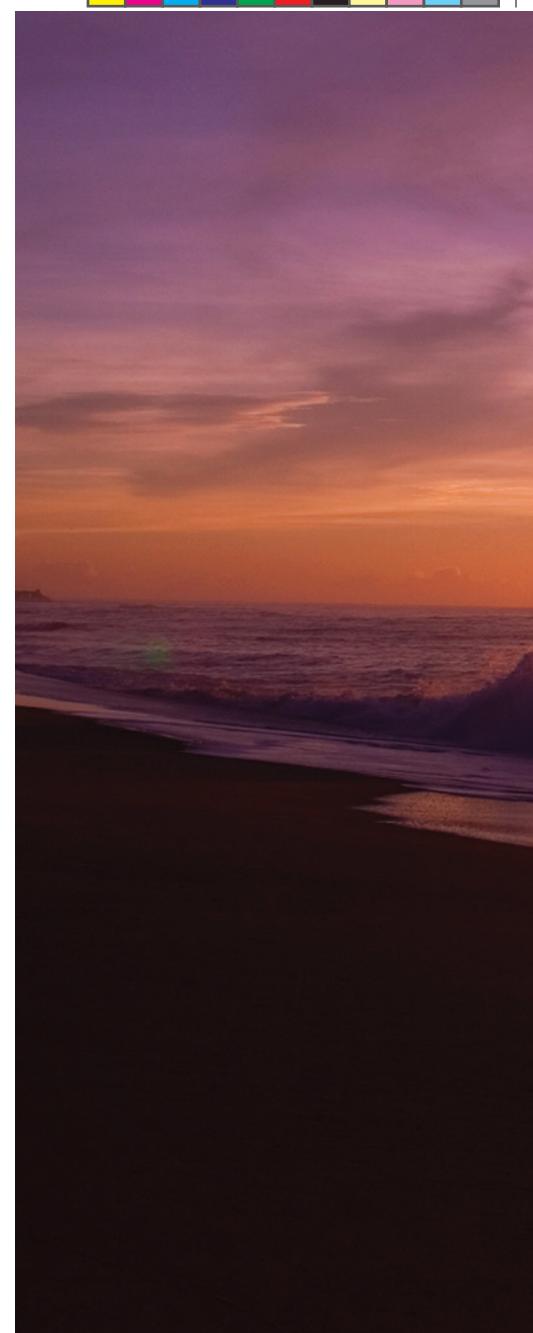




A história oficial do país é contada do ponto de vista da elite dominante [...] No que diz respeito ao negro, nem mesmo a catequese lhe foi dedicada. [...] Dessa perdas de cores, a memória nacional terminou por ser tecida por um fio, cuja cor é esmaecida e não corresponde a toda verdade social do país.

Em seguida nos tornamos docentes da Faculdade de Filosofia e as nossas interações eram acadêmicas. No meado da década de setenta nos transformamos em Fespianos (Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna - FESPI) e, mais uma vez, partilhamos as dores e as angústias de construir, manter e inovar: decidimos fazer um curso de Mestrado. Em 1980, isto era uma excentricidade; causava estranheza.

Lá fomos nós: ele, para o Rio de Janeiro, e eu, para Brasília, sem o necessário apoio institucional. Trocamos correspondências e descobrimos o mundo da pesquisa. A necessidade de um fazer acadêmico diferente se instalou em nós. Começa o padecimento pela ousadia de termos





*O mar: morada de Iemanjá, a Grande Mãe  
(Foto: Troy Newell - retirado do site: <http://www.sxc.hu>)*



entendido que o conhecimento é fruto de uma construção e não mero produto de transmissão! Éramos os diferentes na FESPI! Queríamos fazer pesquisa em uma Instituição que se contentava com o ensino.

O produto do trabalho do Professor Ruy causou perplexidade no seio acadêmico: **A linguagem do candomblé**. A pergunta feita nos bastidores era: isto interessa a quem?

O retorno do Mestrado e a condição de “revolucionários” institucionais, porque queríamos mudanças, nos aproximaram ainda mais e, nesse momento, se deu o segundo enlace. Descubro o Ruy babalorixá. Começa o processo boca-ouvido na minha “iniciação” nagô. Confirmando o que enfatizo, no texto o Professor Ruy diz: “Numa comunidade de terreiro, até bem pouco tempo, o sistema boca-ouvido era a única via de construção, preservação e transmissão de conhecimento da memória”.

Muitos foram os *itan* contados de forma despretensiosa, mas com uma intenção deliberada (o que parece uma contradição) de fazer-me conchedora da filosofia nagô. Lembro-me de alguns: o dia em que a jaca mole caiu na cabeça de Oiá; a descoberta de Iansã do segredo de Xangô sobre o domínio do fogo; a quebra do pote por Iemanjá na perseguição empreendida por seu esposo, entre outros.





O terceiro encontro foi rico e sofrido: a concepção da UESC; a instituição do modelo binário de poder na UESC, determinando o desaparecimento das Faculdades, (Ruy era Diretor de uma delas e nem por isto deixou-se levar pelo apego ao poder); as eleições para reitoria; a carta consulta para o reconhecimento da UESC. Como sofremos na busca de uma identidade que fizesse da UESC uma instituição a serviço do Sul da Bahia, sem perder sua universalidade! Quantos inimigos e incompreensões! Afinal, mexíamos em interesses.

O quarto encontro se deu mais recentemente, quando aceitamos o desafio de juntos escrevermos sobre a trajetória do ensino superior na Região Sul da Bahia, fruto de um projeto de pesquisa financiado pela BAHIAGÁS, cujos produtos serão um livro, um vídeo sobre a estadualização da UESC e um seminário.

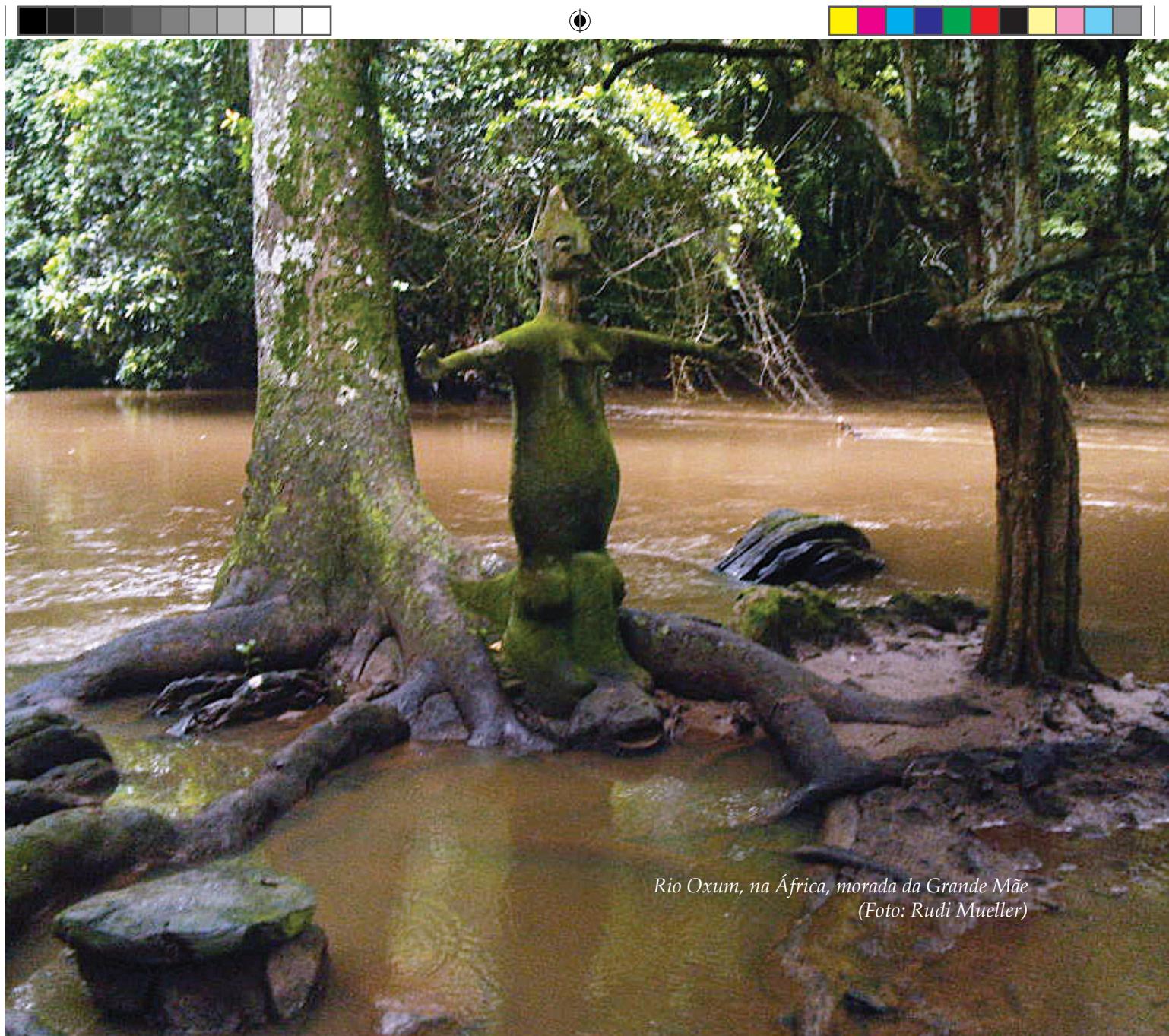
Agora sou surpreendida pelo convite de apresentar mais uma obra do Professor Ruy, intitulada **A memória do feminino no candomblé**: tecelagem e padronização do tecido social do povo de terreiro. Inicialmente fiquei em dúvidas sobre a minha competência para dar conta do desafio, mas a confiança do autor estimulou-me a tentar.





As primeiras lições sobre a filosofia nagô provocavam-me perplexidade em um aspecto que persiste na obra objeto desta apresentação: **a aceitação do devir como algo inerente à condição da vida e do viver**. O múltiplo e o imanente fazem parte da essência da realidade, sem que tal posição comprometa a logicidade do real. Ou seja, a essência da realidade é a própria multiplicidade vivida na integração plena do divino e do humano. Diz o texto do autor: “Os humanos se imbricam com o tempo dos Orixás. Todos têm que estar em disponibilidade para a presença deles, que pode acontecer a qualquer instante”. Por que tal percepção causa-me estranheza desde os meus primeiros ensinamentos nagôs? Porque o projeto filosófico ocidental sempre teve como prevalente a busca de uma essência una em que a mudança, o múltiplo e o devir não tinham lugar. O sagrado e o profano eram diversos e inconciliáveis. Enfatiza o Professor Ruy: “na verdade, em terreiro de candomblé, nem tudo é o que parece ser”. Ser, parecer, conhecer. Uma tríade objeto de muitos estudos e poucas convergências e, no entanto, tão bem compreendida e vivida no mundo do terreiro.

Desde os primórdios da civilização ocidental, a busca pelo conhecimento do imutável foi a marca mais signifi-



Rio Oxum, na África, morada da Grande Mãe  
(Foto: Rudi Mueller)



cativa, a ponto de determinar o caminho percorrido pelos filósofos e ainda persistir como problemática para a ciência moderna. A pergunta norteadora era: **De que são feitas todas as coisas por mais diversas que aparentem ser?** Via-se nesta pergunta o desejo de superação do aparente, do finito, do múltiplo, e a apreensão do uno, do infinito, do imutável. As respostas à pergunta foram inúmeras, algumas antecipando posições consolidadas pela ciência muitos séculos depois. É o caso do átomo como arqué de todas as coisas.

A tendência de ignorar o que vemos no dia a dia (a mudança) e pleitear o estático se cristalizou por mais de vinte séculos desde a Grécia. Atravessamos toda a idade antiga, passamos pela medieval, entramos na moderna com algumas indicações de desejo de conciliação do múltiplo com o uno (é o caso de Giordano Bruno, com as ideias de imanetismo – Deus é tudo e tudo é Deus – que lhe valearam a morte na fogueira).

Esse imanetismo está presente na concepção nagô de mundo e de universo; “tanto os homens quanto as mulheres trazem em si a concretização do Masculino e do Feminino”. [Entendo-os como o arqué buscado pelos pré-socráticos, a energia cósmica já aceita pela ciência].





Então, as pessoas, homens ou mulheres, que são cabeça de iabá, constituem-se portadoras do Feminino e isso é traço identitário que tem de ser respeitado por todos. Seu estar na existência obedece a um ritmo diferente das pessoas, cuja cabeça seja portadora do Masculino. Mesmo os homens que sejam cabeça de orixá masculino jamais abrirão mão de se sentir filhos da Grande Mãe e, por isso mesmo, estarão ligados, pelo menos, a uma de suas imagens arquetípicas.



Para reafirmar a condição de princípio, o Professor Ruy destaca que “o Feminino é também Criador”.

A idade moderna assiste ao surgimento da ciência, marcada pelo uso de uma metodologia centrada na indução em oposição à dedução, mas sem perder a pretensão de generalizar os conhecimentos. Ou seja, seguimos querendo conhecer a totalidade em detrimento das particularidades, como se fosse possível fazermos essa cisão. Ser ou não ser. Exclusão do devir.

O século dezenove assiste ao surgimento das ideias de Hegel expressas especialmente na sua dialética, com o conceito de tese-antítese-síntese, na busca de superação daquilo que podemos denominar de erro ocidental: defi-



Borboleta: animal símbolo do Feminino  
(Foto: Rudy Tiben - retirado do site: <http://www.sxc.hu>)



nir arbitrariamente de Platão a Wolff a distinção entre o essencial e o não essencial, fundamentando um empirismo radical. “Hegel não cai na armadilha. O arbitrário da distinção entre o essencial e a contingência da experiência que a legitima deixa a filosofia sem resposta face às contestações dos cépticos.”<sup>1</sup> É preciso admitir o ser-devir como forma de fazer desaparecer as oposições entre o Absoluto e o Sujeito, o Ser a e Razão, o Pensamento e o Discurso, o Múltiplo e o Uno.

A pretensão do Professor Ruy de tecer com três elementos o tecido social do povo de terreiro revela um movimento triádico semelhante ao processo tese-antítese-síntese hegeliano. São eles: Memória, Feminino e Candomblé. O primeiro fio entendido como: “força capaz de trazer para o agora aquilo que a ingratidão do esquecimento supõe estar encerrado para sempre. Homens e mulheres nasceram com capacidade de reviver aquilo que ficou guardado na lembrança”. E acrescenta revelando um papel de resgatador na sua produção: “É claro que Memória

<sup>1</sup> CHATELÊT, François. **O pensamento de Hegel**. Lisboa: Editorial Presença, 1985. p. 149.



não se reduz a simples lembranças. Trata-se, também, de tomar consciência do que jaz nos porões socioculturais de uma multidão de excluídos [...]."

O segundo fio, o Feminino, que é feito de Luz, pode ser traduzido como um arquétipo, como princípio Criador. A este, o autor dedica grande parte da sua construção simbólica afirmando:

Feminino e masculino também podem ser tomados numa outra significação. Desde os gregos, o Ocidente concebeu a noção de Arquétipo, que seriam modelos, arcabouços, matrizes de grandes valores engendrados pelos humanos.[...] Assim, a humanaidade forjou arquétipos, do tipo a Grande Mãe, o Grande Pai, o Herói etc. Esses valores abstratos, no entanto, são preenchidos, nas mais diversas culturas, pelas imagens arquetípicas. Assim, Vênus, Iemanjá, Nossa Senhora, Secmet, Kali, Isis, Diana seriam imagens arquetípicas da Grande Mãe, o princípio criador feminino.

Para confirmar o sentido da dualidade superadora do estático no princípio criador, o autor destaca: "o Feminino caminha em movimento espiral".



O terceiro fio é o Candomblé, e sua natureza é a Terra. O Candomblé no Brasil não é palco apenas de sofrimento e exclusão, mas, como diz o autor, “há um lado luminoso, formado pela resistência e preservação, próprias do terreiro”.

A negação presente na afirmação, movimento negado pela lógica aristotélica, tem lugar no mundo nagô, pois ao falar de memória não deixa de incluir seu oposto, o esquecimento. “Ele [o esquecimento] tem a ver com a negação, seja de si mesmo, ou do outro, do diferente, do diverso, do desigual”. É uma clara filiação à posição de Heráclito que afirmava só conhecermos algo em oposição ao seu contrário. Sei do frio em oposição ao quente, sei do forte em oposição ao fraco.

No candomblé, pode-se falar de um ser humano que possui natureza dupla: com uma banda expressando o masculino e a outra o feminino. O fruto dessa união pode ser entendido, guardadas as devidas diferenças, como uma síntese hegeliana. Como exemplo de tal concepção, temos os portadores da energia de um *orixá metá* que são seres complexos, pois são dois simultaneamente.

No texto do Professor Ruy, encontramos um exemplo da convivência e existência do eterno devir:



Iemanjá Ogunté, segundo o povo de santo, é uma variação da mesma Iemanjá. Da cintura para cima, é feminina. Da cintura para baixo, é masculina. Assim, numa mão conduz o abebé. Na outra, uma espada. É faceira e guerreiro. É faceiro e guerreira. Não se trata de mero jogo de palavras, pois Ogunté é Pai-Mãe, mas, também, Mãe-Pai.

E acrescenta: "E nesse ziguezague, a vida vai se fazendo, seja nos rituais religiosos, seja na procissão da existência."

O investigador da termodinâmica, Henri Atlan, por haver compreendido a circunstância da dualidade e por se atrever a dizer que na vida existe a temperatura de sua destruição, no seu livro *Entre el cristal y el humo*, merece ser resgatado para sustentar o que queremos defender. Ele afirma: "é preciso entender que não somos nem cristal e nem fumaça, não somos seres fluídios nem sólidos, somos híbridos que vivem a temperatura de sua combinação e destruição".





Cabra: animal símbolo do Feminino  
(Foto: retirada da apresentação  
em slides “África eterna”)



Usando as palavras de Edgar Morin para encerrar a tarefa de apresentar uma obra desse porte, destacamos : “no olvides que la realidad es cambiante, no olvides que lo nuevo puede surgir y, de todos modos, va surgir”.<sup>2</sup>

Itabuna, fevereiro de 2010.  
*Dinalva Melo do Nascimento*



<sup>2</sup> GRINBERG, Miguel. **Edgar Morin y el pensamiento complejo.** Madri: Campo de Ideas, 2002. p. 23.

